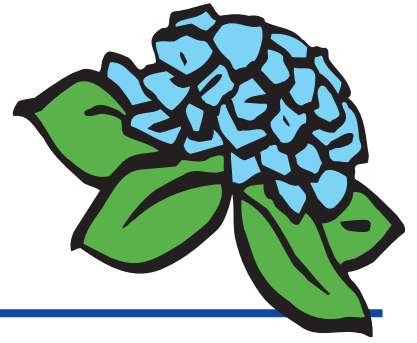




ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO LICEU DA HORTA



PARABÉNS PETER



The Best Sailor's Bar in the World
24 de Dezembro de 2009
O PORTO DA HORTA NO CENTRO DO MUNDO

O TEMPO DOS CABOS SUBMARINOS



A Trinity House (1902), edifício onde convergiam os serviços técnicos das Companhias de Cabo Submarino sediadas no Faial. No seu interior, pelo «Operating room», o mundo passou a ser mais rápido, através da notícia telegráfica. Foto extraída da obra «O Cabo Submarino e outras crónicas faialenses», Carlos Silveira, 2002

UM DESÍGNIO PARA O CENTENÁRIO DA REPÚBLICA



Em 2010 serão comemorados os primeiros 100 anos da instauração do regime republicano em Portugal. A Comissão Nacional, criada para esta efeméride, tem vindo a mobilizar entidades e compromissos. Por todo o país. Políticos, académicos, sociais e cívicos.

A nossa Associação vai integrar-se neste movimento. Naturalmente. De acordo com a sua matriz genética. Evocando o patrono do liceu. Um republicano histórico.

No entanto, a reflexão das iniciativas realizadas entre 2001 e 2005 sobre Arriaga, da historiografia às honras de Panteão Nacional (vidé boletins n.ºs 8, 9/10, 11 e 13), permite ver o que, hoje, pode renovar o pensamento comemorativo. Normalmente reduzido a rituais laudatórios, a repetições da narrativa histórica e a protagonismos de ocasião. Sabemos que não é apenas, nem essencialmente, a Presidência da República que merece destaque na vida pública de Arriaga. Sabemos do seu vasto património, filosófico, literário e político. Sabemos que gerou incómodos. Na aliança «trono-altar». Nos «políticos de facção». Naqueles que não se reviam na sua atitude romântica, utópica, humanista. O que lhe valeu ser esquecido, ostensivamente. Ele e a sua obra. Até recentemente.

Não só Arriaga mas, também, todo o percurso da República (os seus primórdios, os seus tempos de passagem, os seus actores, as suas dificuldades «endémicas») devem ser «comemorados» sob o **desígnio do aprofundamento**. Certamente útil para iluminar o presente.

Pela nossa parte, vai prosseguir o estudo dos ideais republicanos de Arriaga, a divulgação do seu legado moral e cívico às novas gerações e o contributo para que a sua Casa-Memória, na ilha do Faial, seja um centro de reflexão da ética republicana.

MEMÓRIA DE UM REPUBLICANO HISTÓRICO

PETIÇÃO À ASSEMBLEIA LEGISLATIVA



A Dra. Zuraída Saldanha entrega a Petição na ALRAA à Dra. Maria Antónia Dutra (Foto Incentivo)

A ideia da Casa-Memória de Manuel de Arriaga é muito antiga. A Associação recordou-a, em 2003, na abertura do Colóquio organizado com o Centro de História da Universidade de Lisboa. «Com os olhos postos» no Centenário da República. O Governo Regional veio a comprometer-se com este projecto, em 2005. E classificou de **interesse público** a parte edificada, em 2008 (sem referência ao enquadramento paisagístico). O manifesto atraso do processo de reabilitação motivou a inclusão no último Boletim (Julho de 2009) da nota «Seria uma grande desilusão...». A seguir pediu-se esclarecimentos (sem resposta o ofício para a DR da Cultura, em 10/08). Depois, dirigiu-se uma Carta Aberta à Assembleia Legislativa e à Câmara Municipal da Horta (24/08). No primeiro caso, obteve-se resposta sobre o estado da evolução (inf. Sec. Reg. da Presidência). No segundo, soube-se estar em curso o processo de loteamento, requerido pela Diocese. Entretanto, o loteamento foi aprovado pela Câmara. Por isso, então, foi lançado um movimento para uma petição à Assembleia Legislativa, o que veio a acontecer em 4/12, subscrita por 674 pessoas.

(Texto integral da Petição e da Nota Justificativa no site da Associação – www.ahorta.net)

TRIBUNA DA REPÚBLICA



Com este título de referência programática, Luís Menezes (*), vem reflectindo sobre as linhas nucleares da nova função do Solar dos Arriagas. Extraímos algumas passagens do seu pensamento, do texto que publicou em 1/10/2009 no periódico FAZENDO (agenda cultural faialense) ...*Não constitui assim propósito que aquele espaço habitado pela memória de Manuel de Arriaga se desenhe como um museu da República, mas, mais do que isso, um território de reflexão política e de sensibilização para os valores da cidadania, mediante a difusão pública, a atenção crítica e o esforço de compreensão. ...Independentemente do acervo próprio, da possibilidade de se fixar um espaço de identificação da figura que povoou aquele espaço residencial, deverá proceder-se à constituição de um acervo documental sobre a história contemporânea, que estimule a investigação e a reflexão, como à promoção de exposições temáticas ou monográficas temporárias, com cenografias adequadas e atractivas, com sentido pedagógico, centradas na problematização – sem constrições – do mundo português contemporâneo, de onde também emergiram novos conceitos inerentes ao nosso presente político: a autonomia e o sentido de região.*

(*) Mestre em História Contemporânea (Univ de Lisboa). Historiador. Ex-Director Regional do Turismo. Director do Museu da Horta, Coordenador na Ilha do Faial de Direcção Regional da Cultura. Assegura a ligação desta DR com o Gabinete de Arquitectura encarregado da reabilitação da Casa-Memória.

NATÁLIA CORREIA GUEDES APOIA MOVIMENTO DA CASA-MEMÓRIA



A Dra. Natália Correia Guedes no Teatro Faialense, 2005

A Dra. **Natália Correia Guedes** quis associar-se ao movimento para a Casa-Memória de Manuel de Arriaga, enviando um depoimento e um apelo ao Presidente da Assembleia Legislativa, que abaixo se transcreve parcialmente (*).

«Tive conhecimento através dos órgãos de comunicação social de que está em curso o projecto de recuperação da Casa de Família do Dr. Manuel de Arriaga. Esta notícia é muito grata não só para o nosso país e em especial para a comunidade faialense, como também para os seus familiares que se honram de descender de tão ilustre Professor, Tribuno e Presidente da República.

Certamente o edificio referido irá ser objecto de recuperação cuidada e a sua reutilização para Casa-Memória merecerá a atenção das entidades competentes. No entanto, alertada pela leitura da «Petição» que um grupo muito significativo de cidadãos apresentou à Assembleia Legislativa da RAA, a 19.11, p.p., tomo a liberdade de me dirigir a Vossa Excelência em nome da Família Arriaga.

Preocupa-nos a ausência de informação relativa à integração, no projecto, de toda a zona envolvente que sempre constou da Casa – cavalaria, anexos agrícolas, cisterna, pequenas construções de jardim, poço de maré, assim como árvores centenárias e arbustos que constituíam o seu pequeno universo, atingindo, segundo julgo, cerca de 7.000m².

(...)

Ora, se consultarmos as mais recentes orientações emanadas da UNESCO, do ICOMOS ou do ICOM, constatamos que a preservação de Casas de personalidades históricas está a ser cada vez mais exigente, quer no que diz respeito aos edificios, quer a todo o conjunto em que historicamente se integram, justificando até a organização de uma Comissão especializada neste último organismo (Conselho Internacional dos Museus).

Transcrevo da «Carta sobre o Património Construído Vernáculo» (ICOMOS, México, 1999): (...) «As intervenções em património construído verná-

culo devem respeitar e manter a integridade dos sítios onde este património se implanta, bem como a relação com a paisagem física e cultural e ainda garantir as relações de harmonia entre as construções» (in LOPES, Flávio e CORREIA, Miguel Brito – «Património Arquitectónico e Arqueológico. Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais». Lisboa, 2004, pág. 286).

Em qualquer país europeu esta tipologia de Casas consta dos roteiros culturais e é motivo de programação diversificada, não só sobre a biografia das personalidades que homenageiam, como relativa a manifestações teatrais, musicais e artísticas de sua preferência.

(...)

O que está em causa é a permanência do ambiente familiar de Casa agrícola tradicional, a intocabilidade dos limites imaginários de um primeiro universo que o fez poeta muito jovem e que constituíram as suas raízes.

O que se pretende é alertar para a eventual quebra de privacidade da futura Casa-Memória, cujos espaços verdes, uma vez devassados, irreversivelmente, por blocos habitacionais ou por qualquer outra vulgar utilização, atentória da dignidade que merece, impossibilitaria realizações culturais que exigem silêncio, beleza natural e concentração.

Confianto na eficiente actuação de Vossa Excelência para a resolução deste assunto, cumprimento respeitosamente

Lisboa, 10 de Dezembro de 2009»

(*) texto integral no site da Associação – www.ahorta.net

Natália Correia Guedes preside à Junta da Casa de Bragança. Eleita «personalidade do ano» (2009) na área da Museologia. Foi presidente do Instituto do Património Cultural, Secretária de Estado da Cultura, Directora do Museu do Traje, do Museu dos Coches e do Museu do Oriente. Membro da família Arriaga, prosseguiu a organização do espólio privado de Manuel de Arriaga, que veio a ser estudado pelo Centro de História da Universidade de Lisboa. Apresentou trabalho de pesquisa histórica neste âmbito, em Lisboa (2003) e no Faial (2005).

AFINAL, O QUE SE PRETENDE...



Que o Solar dos Arriagas seja «devolvido» à sua traça histórica, fiel ao objectivo de Casa-Memória.

Que a reabilitação do Solar seja integral, respeitando todas as referências paisagísticas e agrícolas do registo da propriedade original.

Que seja concebido um roteiro republicano ligando os espaços-memória à zona classificada da Assembleia Legislativa.

Que a Casa-Memória tenha uma vocação efectiva de Centro Republicano, com actividade regular de cultura política.

Que o processo reabilitativo e a organização funcional conduzam a um elevado nível de qualidade arquitectónica, simbólica e ambiental, visando a criação de uma oferta de referência do turismo cultural dos Açores.

Que a inauguração da Casa-Memória do 1.º Presidente da República tenha expressão nacional, no âmbito do Centenário do regime republicano.

O FAIAL NOS PRIMÓRDIOS DA GLOBALIZAÇÃO

A HORTA DOS CABOS SUBMARINOS

1893 - 1969

Este é o tempo dos cabos submarinos na Horta. O tempo efectivo. Porque o tempo afectivo persiste ainda em muitas memórias.

Em Agosto de 1893 o primeiro cabo entrou pela praia da Alagoa. O rei D. Carlos inaugurou a comunicação telegráfica falando de Carcavelos. O Faial percebeu o sinal de modernidade. A criação do jornal *O Telégrafo* é um bom exemplo. A partir daí, várias companhias de diferentes países (Inglaterra, EUA, Alemanha, Itália, França) fizeram da Horta um dos maiores centros mundiais de telecomunicações (atingindo quinze cabos que ligavam os dois lados do Atlântico). Com reflexos determinantes (político-militares, económicos e de evolução tecnológica).

Passaram 40 anos. As novas gerações têm uma fraca ideia de tudo isto. Aliás, o balanço da preservação dessas memórias é frustrante. Por isso, no último verão, iniciou-se um movimento nesse sentido.

Criou-se uma comissão de antigos cabografistas. No Faial e na Diáspora. Iniciou-se a inventariação dos equipamentos que, em boa hora, Monsenhor Júlio da Rosa, então director do museu, resgatou de destino incerto. Felizmente existem fontes bibliográficas importantes (Frank Weston, 1963; Francis Rogers, 1983; Yolanda Corsépius, 1999; Carlos Silveira, 2002).

Fazem-se diligências para instalar um museu na Trinity House. Procura-se espólios. E referências históricas de âmbito nacional e internacional (vide *Carta* nesta página). Conta-se com apoio em várias áreas (R. Madruga da Costa, Yolanda Corsépius, Kátia Neves, A. Martins Naia, Francisco Gonçalves).

O verão de 2010 será o tempo do grande balanço. Em cooperação com o Museu da Horta. Uma exposição e um colóquio.



Antigos cabografistas no Museu da Horta. Da esquerda para a direita: Tomás Saldanha, José Silveira, Manuel Neves, Carlos Dutra, Fernando Morisson, Carlos Silveira, Henrique Barreiros da direcção da Associação, Filomeno Bicudo (Foto: *Cátia Neves*)

DESTAQUE



O projecto sobre a história e a musealização do espólio das companhias de cabo submarino tem em José Silveira o seu principal animador. Da ideia. Da mobilização das pessoas. Da ligação ao Museu da Horta. Da organização. Sempre com entusiasmo. E uma aptidão natural (que é também competência) para as relações humanas.

José Cândido Duarte da Silveira é natural do Faial (1934). Antigo Aluno (1945). Cedou emprego para o melhor emprego da época na Horta – o cabo submarino (Commercial Cable Company, 1950). Promovido, logo em 1953, a «técnico júnior» e supervisor de turno. Convidado, em 1959, para outra companhia da ITT na República Dominicana, exerceu funções de Supervisor técnico, Engenheiro Chefe de Estação e Subdirector. Confrontado com o encerramento iminente da estação do Faial, José Silveira opta definitivamente pela carreira internacional, onde veio a ter expressivo sucesso. A partir de 1965, em Porto Rico, é superintendente de operações para uma vasta área da América do Sul e da América Central. Atingiu a Vice Presidência do Grupo ITT em 1976, sendo ainda Director Geral (acrescentando o Oriente à zona de influência anterior). Quando terminou a carreira, em 1994, tinha a seu cargo 17 Companhias, 28 Centros de Operações e 1800 funcionários. Ao longo do seu percurso profissional, fundou ou foi conselheiro de várias associações (a título de exemplo, a Caribbean Telecommunications Council). As qualidades pessoais e as altas funções profissionais, naturalmente atraíram José Silveira para o destaque social – Cônsul Honorário de Portugal em Porto Rico, desde 1983; agraciado pelo governo português (comenda do Infante D. Henrique, 1988) e pela Marinha Portuguesa (medalha de Vasco da Gama, 2000); Cavaleiro da Ordem de Malta; membro da Fundação das Humanidades, da Academia de Artes e Ciência de Porto Rico, da Academia de Ciência e Cultura Iberoamericana, entre outras).

José Silveira saiu do Faial há 50 anos. Volta regularmente. Vive intensamente cada regresso. Com as pessoas. Nos lugares. Na evocação de cada memória. É casado com **Maria Manuela Nunes Neves**. Natural do Faial (1936). Antiga Aluna (1946). Depois do 7.º ano na Terceira, cursou a Escola do Magistério (54/56). Leccionou no Ensino Primário e no Liceu. Em Porto Rico tem desenvolvido grande actividade em Associações de carácter social e religioso.



CARTA AOS EX-CABOGRAFISTAS

Comissão ad hoc para o Museu dos Cabos Submarinos do Faial

Exm.º Senhor

Apesar do tempo dos Cabos Submarinos ter marcado de forma relevante a história da Ilha do Faial e dos Açores, em termos nacionais e internacionais, com expressão mundial nos primórdios das telecomunicações, ainda não existe um Museu que perpetue as memórias desse tempo.

Esperamos que assim venha a acontecer, porque foi lançado um movimento cívico neste sentido, no último verão, no âmbito desta Associação, pelos antigos empregados das Companhias de Cabo Submarino, em ligação e com o apoio do Museu da Horta. Este movimento teve grande expressão social, através dos jornais, da RTP-Açores e de um colóquio no Amor da Pátria, muito concorrido.

Ao transmitir-lhe este projecto acreditamos que lhe estamos a dar uma boa notícia, porque V. Ex.ª está ligado a esse tempo e a essas memórias, directamente ou por vínculo familiar ou, simplesmente, por amor à sua terra.

Assim, gostaríamos de contar com a sua ajuda para levar a bom porto esta iniciativa, pedindo-lhe que adira a este movimento, divulgando-o e dando ideias e sugestões sobre o património a integrar. Mas, também, disponibilizando elementos com valor histórico (equipamento, mobiliário, fotos, documentos, etc.). (a)

Entretanto, já existem alguns desenvolvimentos. As peças das antigas Companhias que se encontram depositadas no Museu da Horta estão a ser inventariadas pelos antigos «cabografistas». Realizam-se diligências para a instalação do Museu no local original (Trinity House). Contactam-se Museus análogos no estrangeiro. Está garantida a colaboração de pessoas entendidas na história do Faial e das telecomunicações.

Antecipadamente gratos pela adesão de V. Ex.ª, apresentamos os melhores cumprimentos

Pela Comissão

Carlos Ramos da Silveira (b) Fernando Morisson (c)

(a) Nesta 1.ª fase deseja-se apenas a descrição do material a facultar. Depois será organizado o processo de recepção e o termo de compromisso (será mantido o direito de propriedade dos «doadores»).

(b) **Contacto** – 292292527; teresita1930@sapo.pt; Rua Ilha de S. Luís, 8 - 9900-044 HORTA

(c) **Contacto** – 292292246; linamorisson@sapo.pt; Rua Cônsul Dabney, BW 3 - 9900-014 HORTA

Ex-empregados residentes no Faial: Jorge Lima; Fernando Morisson; Mário Baptista; Filomeno Bicudo; Jorge Menezes; Manuel Neves; Carlos Ramos da Silveira; José Tavares.

Comissão na Diáspora: José Duarte da Silveira; Carlos Dutra; Manuel Contente.



A obra *A Geração do Vulcão* constitui o desenvolvimento de um projecto de investigação, proposto pela Associação à Direcção Regional das Comunidades. Este estudo contém várias dimensões singulares. O esclarecimento dos contornos políticos da concessão de «vistos» pelo governo dos EUA. A clarificação do conceito de «sinistrado do Vulcão». O acesso aos processos dos passaportes (ref. Arquivo do então governo civil). A construção de uma base de dados biográficos. A relação de todos os emigrantes, com «vistos» por causa do Vulcão.

O autor – Carlos Lobão – desenvolveu o trabalho de investigação com o rigor esperado. Assente numa experiência historiográfica confirmada. Não só no estudo da temática em análise, como nos domínios disciplinares que se cruzam neste trabalho.

A decisão do patrocínio a esta obra, quer à investigação, quer à publicação, coube a duas Directoras Regionais. Primeiro, à Dr.^a Alzira Silva, que aprovou a fase de pesquisas, aceitando o objectivo e a metodologia. Depois à Dr.^a Rita Dias, que analisou os resultados e reconheceu o interesse da sua edição.

ANTIGOS ALUNOS EM CONVÍVIO NO PICO



Realizou-se o 7.º encontro de Antigos Alunos do Pico, no dia 22 de Agosto, no Parque Florestal de S. João. Mais uma vez, viveu-se um ambiente de agradável convívio. Contou-se, como é habitual, com muitos AA's vindos do Faial. Manuel Paulino, «brindou-nos» com a sua reconhecida eficácia organizativa, incluindo a já tradicional exposição fotográfica dos tempos do liceu e de encontros anteriores. A Associação «O Alvião» ofereceu uma visita à «Casa do Pico», excelente museu etnográfico sobre os modos de vida tradicional dos picoenses. Foi anfitriã a Presidente da Associação, Norberta Amorim.



Convívio em São João do Pico



Em 1989 terminou a sua actividade a Escola do Magistério Primário da Horta. Quarenta e quatro anos depois de ter iniciado o seu trabalho de formação de professores. Produziu 37 cursos e 956 diplomados. O encerramento não foi pacífico. Deixou um sentimento de injustiça na sociedade faialense. Vinte anos depois, a Associação, através da Universidade Sénior, com o patrocínio da Sociedade Amor de Pátria, organizou uma sessão evocativa, no dia 3 de Agosto, coordenada pela Prof.^a Maria Simas, última directora da EMPH. E participante activa nas diligências subsequentes para continuar a Escola sob outro modelo formativo. Após introduzir o tema, apresentou os prelectores convidados – Jaime Baptista, Rúben Rodrigues e Fernando Faria Ribeiro. Intervieram com grande rigor factual e intensidade emotiva, porque foram actores directos deste processo. Elogiaram o património institucional e humano da EMPH, apresentaram as circunstâncias que envolveram o encerramento e analisaram as incongruências que conduziram à falta de cumprimento de disposições legais e promessas. O Faial sentiu a injustiça de não ver continuada a «sua» Escola do Magistério.

Seguidamente foi apresentado um projecto de pesquisa sobre Histórias de Vida de diplomados pela EMPH.

A sessão terminou com a declamação pela Antiga Aluna do Magistério, Lídia Garcia Pombo, do poema de autor anónimo *Ser Professor*.



Professora Maria Simas, última directora da Escola do Magistério Primário da Horta, na abertura da sessão «20 Anos Depois». À esq. Ruben Rodrigues e F. Faria Ribeiro; à drt. Jaime Baptista



Almoço-convívio em São João do Pico

PRÉMIO LICEU DA HORTA 2010

Alunos do 12.º Ano
Escola Secundária Manuel de Arriaga
Entrega do curriculum vitae até 16 de Abril

Patrocínio



UNIVERSIDADE SÊNIOR - 2009/2010



No dia 7 de Outubro a UniSenior iniciou o segundo ano de actividade, com 118 alunos (em 2008/2009 foram 89). Assegurou a continuidade dos interessados já inscritos no ano anterior, embora com alguns reajustamentos nos regimes de frequência. A estrutura geral de funcionamento evoluiu nas suas diferentes vertentes.

Na oferta curricular, foi introduzida uma nova disciplina – Cultura Açoriana no mundo – regida pela Dr.^a Alzira Silva; correspondido o interesse na disciplina de Inglês, com a criação da terceira turma, leccionada pela Dr.^a Fernanda Trancoso. Os projectos culturais e artísticos, além da Pintura e do Teatro, foram alargados com a criação de um Grupo Coral, dirigido pelo Eng. Norberto Oliveira. Lançada uma terceira vertente (original nos programas conhecidos de universidades seniores) – os projectos de estudos propostos pelos próprios seniores. Foram já acolhidos *Histórias de Vida* (Maria Simas e Francisco Gomes); *História dos Cabos Submarinos* (Carlos Silveira); *Museu do Porto da Horta* (pelo Eng. Ângelo Andrade que coordena uma equipe constituída pelo Arq. Pedro Porteiro, Dr. Carlos Lobão e Eng. Francisco Silva).

HISTÓRIA DOS CABOS SUBMARINOS



No âmbito do movimento para a criação de um museu dos Cabos Submarinos (vidé pag. 3), teve lugar, em 10 de Agosto, um colóquio organizado pela comissão ad-hoc promotora deste movimento, com o apoio da Universidade Sénior e da Sociedade Amor da Pátria. As intervenções iniciais foram de Carlos Silveira (*Uma Visão sobre os Tempos e Memórias dos Cabos Submarinos*) e de José Silveira (*Ideias e Percursos para o Museu dos Cabos Submarinos do Faial*). A participação da assistência (cerca de cem pessoas) foi muito importante, quer na evocação de memórias, quer nos contributos para a evolução do projecto apresentado.

Assoc. dos Antigos Alunos do Liceu da Horta

Casa dos Açores

Rua dos Navegantes, 21 – 1200-729 LISBOA

www.ahorta.net – ruibraga@iol.pt (site)

melobarreiros@gmail.com (direcção)



TEÓFILO, SA.

Experiência de um passado
Projectada no futuro